

A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA ALTERIDADE: UM OUTRO LUGAR DE INTERVENÇÃO

Paula Guimarães Simões
Vera R. Veiga França

Este trabalho¹ tem como objeto de análise a Rádio Favela, rádio educativa, localizada no Aglomerado da Serra, um dos mais amplos conjuntos de favelas de Belo Horizonte. A rádio é analisada como um lugar de fala para os grupos de baixa renda, a fim de perceber o modo como ela tenta promover a construção de uma identidade e o fortalecimento dos laços comunitários entre as populações excluídas. Como recorte empírico, trabalhamos com gravações dos programas da rádio, entrevistas (com o presidente da rádio e moradores do Aglomerado), além de material bibliográfico e documental. O estudo mostrou que a rádio não é unanimemente aceita pela comunidade. Entretanto, ela é expressão de uma diferença, na medida em que construiu um outro lugar de intervenção dos atores na vida social; construiu um outro lugar de fala.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, alteridade, lugar de fala.

INTRODUÇÃO

Na realidade multicultural que se vem configurando, novas formas simbólicas entram em cena. A esfera midiática, antes ocupada apenas por meios e discursos hegemônicos e autorizados, passa a abrigar "vozes dissonantes". Novas práticas sociais estão viabilizando o acesso aos meios de comunicação a grupos antes excluídos do campo midiático.

Partindo desse novo cenário, em que o "outro" - marginalizado, excluído - irrompe em cena, este trabalho tomou como objeto de análise uma forma simbólica específica: a Rádio Favela FM, rádio educativa¹, localizada no Aglomerado de Favelas da Serra, em Belo Horizonte. O objetivo foi captar a fala dos grupos de baixa renda – a fala do "outro" – nesse veículo e perceber o modo como – através da eleição de diferentes temáticas e da construção de seu discurso¹ – a Rádio Favela tenta promover a construção de uma identidade e o fortalecimento dos laços comunitários entre as populações excluídas.

A rádio é analisada como um lugar de fala para os grupos de baixa renda. O conceito de lugar de fala é entendido como "lugar de significação", que "se constrói na trama entre a situação concreta com que a fala se relaciona, a intertextualidade disponível, e a própria fala como dinâmica selecionadora e atualizadora¹ de ângulos disponíveis e construtora da situação interpretada." (Braga, 1997: 107). Dessa forma, a intenção foi apreender a lógica específica da Rádio Favela, observando esse espaço de atuação através da articulação entre sua fala própria, os textos disponíveis que ela atualiza e com os quais se relaciona e a situação concreta em que ela está inserida. Para proceder a essa abordagem, é necessário observar alguns elementos específicos: as estruturas internas da fala, a articulação da fala com outros enunciados e as articulações com o espaço social (Braga, 1997: 114).

Assim, adotamos uma metodologia híbrida, com a contribuição de várias correntes, que pretende alcançar a interpenetração de três esferas - o contexto social (análise sócio-histórica), os sujeitos (etnometodologia) e as falas (análise do discurso). Procedemos, assim, à descrição da estrutura e da forma de funcionamento da rádio, à caracterização do grupo e de sua proposta, à análise da produção discursiva da Favela FM e da relação que ela estabelece com sua "comunidade de ouvintes".¹

O recorte empírico foi definido de modo arbitrário. A fim de conhecer melhor o objeto e entender sua estrutura e sua forma de funcionamento, foi feito um monitoramento em dias e

horários aleatórios. A partir disso, escolhemos um dia (dois de dezembro de 1999, quinta-feira) para gravar toda a programação da rádio. Os programas que são apresentados em outros dias foram gravados posteriormente. E, mesmo após a gravação de toda a programação, a rádio continuou a ser ouvida para melhor conhecer e analisar alguns temas tratados.

Origem e Funcionamento da Rádio Favela

“Você está na favela”. É assim que o ouvinte é saudado, ao sintonizar a Rádio Educativa Favela FM (104,5), concebida por moradores da Vila Nossa Senhora de Fátima, situada no Aglomerado da Serra, um dos mais amplos conjuntos de favelas de Belo Horizonte. A origem da Rádio Favela, segundo seus integrantes, remonta aos eventos de cunho musical e cultural que surgiram como alternativa de lazer em locais próximos ao Aglomerado, no final dos anos 70. Esses eventos passaram a se constituir em ponto de encontro e espaço de expressão e discussão de seus frequentadores. A fim de dar visibilidade às discussões, um grupo de amigos decidiu criar um canal de comunicação, um espaço para divulgar a cultura negra, falar sobre a discriminação social e racial e conscientizar os jovens em relação à violência e às drogas.

Assim, com o objetivo de ser “a voz do morro”, a Rádio Favela FM é fundada em 1981, falando “do Aglomerado da Serra para o mundo”. Ela entrava no ar à noite, sem concessão, e foi, por várias vezes, lacrada pela polícia. A estratégia era mudar sempre o local da transmissão para evitar problemas com a fiscalização. Apesar dessas dificuldades, a emissora iniciou o caminho de sua consolidação, transmitindo no horário da Voz do Brasil: “Está entrando no ar a verdadeira voz do Brasil: Rádio Favela, 104.5.”

Em 1996, a Rádio Favela consegue um alvará de funcionamento concedido pela Prefeitura de Belo Horizonte, passando a ter o seu reconhecimento como entidade cultural. Em 1999, a rádio entra com um processo junto à Delegacia do Ministério das Comunicações de Minas Gerais, a fim de conquistar a outorga de rádio educativa. O processo vingou, e, em janeiro de 2000, a Rádio Favela passa a fazer parte da rede de emissoras educativas.

A rádio está ampliando seu espaço de atuação, e seu trabalho vem sendo reconhecido por autoridades locais e internacionais através de diversos prêmios concedidos à associação. A Favela FM já recebeu duas condecorações da Organização das Nações Unidas (ONU) pela atuação no combate às drogas e à violência (1997 e 1998), o Mérito Cultural do Ano concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte (1997) e o Mérito Legislativo Municipal (1997). O reconhecimento pelo trabalho também pode ser avaliado pelo aumento da audiência¹.

A Rádio Favela é produzida por moradores do Aglomerado da Serra e outras vilas de Belo Horizonte. Eles se alternam no trabalho diário de manter a rádio no ar - individualmente, em dupla ou em grupo, de acordo com os programas e a disponibilidade ou compromissos de cada um. Novas e diversificadas adesões ao trabalho na rádio vêm sendo feitas, como pessoas ligadas ao movimento sindical, à universidade, ao movimento negro e outros movimentos culturais.

A relação entre os locutores é bastante próxima. Eles chamam uns aos outros por apelidos, conversam sobre problemas pessoais, trocam conselhos e elogiam-se no ar. Os locutores são frequentemente identificados como integrantes da “família da Rádio Favela”, o que revela o grau de proximidade e afetividade com que tentam marcar a relação entre eles.

A rádio apresenta um estilo bastante informal e improvisado. Os programas nem sempre começam no horário estabelecido e, se um locutor falta, é substituído por outro, nem que seja só para colocar as músicas. Também pode ser percebida uma falta de profissionalismo dos locutores. Não há um locutor padrão, com locução clara, como ocorre nas rádios convencionais, o que muitas vezes dificulta o entendimento das mensagens.

A informalidade, o improviso, a falta de profissionalismo e a desorganização são intrínsecas ao formato da rádio e não “defeitos” que precisam ser corrigidos, como pode parecer à primeira vista. Afinal, “a experiência das rádios livres caminha numa perspectiva inteiramente oposta a esse culto da especialização e da competência.” (Machado, 1987: 32)

Uma proposta de atuação

A Rádio Favela é apresentada como “a voz do morro”, “a voz da comunidade”, “a rádio do povo, que fala do povo, para o povo”.¹ Ela se propõe, assim, a ser um lugar de fala para os grupos de baixa renda, situados fora dos circuitos oficiais da comunicação midiática. Ela assume um papel de representante dos interesses dos excluídos, pois “todo mundo que é excluído tem a ver com a Rádio Favela”.¹ Ao assumir esse lugar de representação dos excluídos, a rádio também se propõe a ser uma liderança na conscientização da comunidade em relação a seus direitos como cidadãos, ao uso e tráfico de drogas, à violência e aos problemas enfrentados nas periferias.

Associado a essa conscientização, está o fato de a rádio ser também um espaço para discussões e críticas políticas, econômicas e sociais. Afinal, “essa rádio não toca música não, toca é idéia”¹: “Eles querem que a rádio toque música, pro povo consumir música e continuar dançando pro resto da vida. Mas a gente aqui gosta de balançar o beijo e isso incomoda”.¹ No decorrer da programação, os locutores vão “balangando o beijo”: criticam o presidente Fernando Henrique Cardoso, discutem desemprego, inflação, eleições municipais e destacam a função da Rádio de alertar para os problemas existentes no país.

Essas críticas e discussões sobre os mais variados temas decorrem da proposta de a Favela FM ser “a sua rádio totalmente livre”, “uma que anda sempre na contramão”, “a rádio fora de ordem”. Exibe-se, assim, a vontade de se fazer uma rádio libertária, criativa, que aborde diversos assuntos, sem restrições ou imposições. A liberdade é, assim, mais um eixo da proposta da Rádio Favela. Nas palavras de Misael Avelino dos Santos – que é um dos criadores e atual presidente da Favela FM –, “Eu aprendi a fazer a rádio na rua, ela nasceu na rua e uma coisa que é da rua, não adianta você querer cercar, ela nasceu livre e tem que ser livre”.¹

A rádio também funciona como serviço de utilidade pública e rede de comunicação entre as pessoas do local. Através de seus serviços, encontram-se crianças desaparecidas e documentos perdidos, chamam-se ambulâncias, mandam recados e estabelecem contatos. Além desse tipo de prestação de serviços, a Rádio realiza campanhas em benefício da comunidade¹, visando a ajudar e conscientizar a comunidade local. Mas Misael ressalta que a rádio é contra o assistencialismo, pois sua função “não é eternizar a miséria”.¹

Conteúdo: a abordagem de situações concretas

A grade de programação da Rádio Favela e a descrição do conteúdo dos programas são uma mostra do caráter que a emissora busca imprimir em suas ações. Como já foi dito, alguns programas são improvisados e nem sempre começam no horário estabelecido.

A partir do material analisado, foram identificados 19 programas. Eles apresentam uma grande diversidade de propostas e concepções musicais, cada um com um público e uma temática específicos. Alguns programas privilegiam certos estilos musicais, como o sertanejo tradicional, o samba, o pagode e músicas alternativas. Outros programas têm assuntos e discussões específicos, tais como o rap e a cultura hip hop, questões jurídicas, ciências de modo geral, futebol e problemas do cotidiano. Há alguns programas que apresentam músicas

e discussões variadas e também os que são produzidos em outras línguas – italiano e espanhol – que, segundo Misael, objetivam fazer a relação internacional da Rádio Favela.¹

A análise da programação mostrou a frequência com que determinados assuntos aparecem no discurso da rádio – temas esses que conferem sentido à fala da rádio, na medida em que compõem um espaço de significação, a partir de situações concretas vividas por moradores de favelas.

A discriminação espacial, social e racial é um assunto recorrente. Ao mesmo tempo em que discutem os problemas da favela, os apresentadores empreendem uma valorização do lugar; destaca-se, sobretudo, a “vista excelente” que se tem da cidade. “Cê pode subi o morro, que no morro não tem polícia não. E é um morro belíssimo, é um Mangabeiras II¹. Cê sobe aqui, cê vai vê um monte de barraco, vai vê a cidade lá embaixo”. Se não pela vista, o morro é valorizado de modo defensivo: “Não precisa de ter medo de vir na favela. Aqui tem bicho igual aí onde você mora. Só que o monstro do asfalto fica escondido pra pegar você, e o da favela fica aqui, pela rua”.

Alguns locutores falam da importância de cuidar do lugar em que você vive. Entretanto, outros explicitam em seu discurso um desejo de sair do morro. Viver na favela é muito mais um reflexo da pobreza e da desigualdade social do que uma opção de vida: “Se você fosse um cara que tivesse uma condição financeira pra viver num lugar melhor, você viveria num lugar melhor ou continuaria lá com os mesmos problemas que têm?”

Os locutores empreendem um discurso de valorização das pessoas que vivem na periferia. Eles falam da favela como local de moradia da grande maioria dos trabalhadores explorados e como espaço de “gente que rala pra caramba e que chega uma pessoa qualquer e fala que todo mundo que mora na favela é isso ou é aquilo”.

Esse preconceito em relação aos que moram na favela é um assunto constante na rádio. Em seu discurso, defende-se o fim da discriminação das pessoas que moram no “asfalto” em relação às que vivem nos morros. A rádio demarca as diferenças entre esses dois universos: o asfalto é o lugar onde estão as melhores condições de vida, onde vivem os incluídos da cidade; o morro é o lugar dos excluídos, visto pelo asfalto como o lugar da violência e da criminalidade. E é para desconstruir essa visão do “nós” - asfalto - que a rádio - representante do “outro” - procura, de alguma forma, veicular um discurso de valorização da favela e de sua comunidade. Discurso esse que não visa à anulação das diferenças, mas, exatamente na afirmação da diversidade, busca delimitar o espaço próprio da comunidade e estabelecer a comunicação favela/cidade.

A discriminação racial é outra questão muito discutida na emissora, que “fala de preto pra preto”. Ela se propõe a combater o preconceito em relação às pessoas que são negras e moram na periferia. Além disso, a rádio realiza campanhas e participa de encontros nacionais e internacionais contra o racismo.

Associado à discriminação social e espacial e como problema estrutural da sociedade brasileira, está outro tema muito discutido pelos integrantes da rádio: a desigualdade social. Para eles, a desigualdade gerou uma guerra entre o morro e o asfalto. Essa guerra foi instituída pelas pessoas do asfalto, na medida em que elas discriminam quem mora na periferia, colocam as armas e o tráfico de drogas dentro do morro e determinam o tipo de educação que é dado às crianças na favela.¹ E essa guerra precisa acabar, afinal, as pessoas do asfalto precisam do trabalho dos que vivem no morro, “o relógio marca a hora igual pra todo mundo e o dinheiro tem a mesma cor pra todo mundo”.¹

Para pôr fim a essa guerra e alcançar a igualdade de direitos, a Rádio Favela propõe uma revolução, organizada e realizada por todos os que vivem em situação de exclusão. Para os integrantes da rádio, o movimento hip hop é o início da união, em todo o mundo, “daqueles que foram excluídos dos direitos fundamentais do homem”. Apresentam-se como “uma comunidade que está se unindo e ameaça aqueles que detêm o poder”. Várias vezes, durante a

programação, aparecem falas como: “para a burguesia o pesadelo chegou”; “Toda revolução começa com um livro e termina com um fuzil na mão”. E em um rap que é tocado todos os dias no programa Uai Rap Sô, há frases como: "Um passo à frente: a revolução", "Filhos da transformação, lutamos por revolução", "Precisamos de você, um mano, um revolucionário, negros de periferia, querendo um bem comum". Para a rádio não se trata de transformar a favela em cidade, mas, promovendo a união dos excluídos, mantendo a comunidade unida, garantir os direitos a uma condição de vida mais digna.

Segundo Misael, a revolução deve ser feita através da conscientização das pessoas, com palavras e ações, sem violência. E para que essa revolução não “termine com um fuzil na mão”, como diz o rap citado, deve-se mostrar aos que vivem no “morro” que eles têm chances iguais às de quem mora no “asfalto”. Segundo ele, alguns raps trazem letras que condizem com a proposta da Favela FM, mas outros querem “aproveitar pra vender maconha”.¹

O discurso contra a violência é bastante enérgico na rádio e traz algumas contradições. Os locutores criticam gangues e bandidos, todos os “babacas” que usam da violência e acabam prejudicando a imagem dos moradores de vilas e favelas. Ao mesmo tempo em que pregam o fim da violência, os locutores convocam para a revolução, que ora é definida como a luta pelos direitos sociais e ora como uma revolta da comunidade contra aqueles que os mantêm em situação de exclusão. Essa revolta poderia “terminar com um fuzil na mão”, ou seja, gerar violência.

É certo que as músicas são um outro lugar de fala. Mas, na medida em que são escolhidas para compor o repertório de um programa, elas passam a fazer parte da mensagem que a rádio deseja passar a seus “escutantes” - como a rádio prefere cognominar seus ouvintes. Assim, pode-se dizer que a fala sobre a violência tem uma inserção polêmica no discurso da rádio.

As discussões políticas também ocupam um espaço grande na Rádio Favela. Em grande parte dos programas, entre uma música e outra, os locutores discorrem sobre a situação política e econômica do país, endereçando críticas ao governo. As críticas não deixam de ser legítimas. Mas, muitas vezes, elas se parecem com palavras de ordem e não vêm acompanhadas de justificativas e argumentação dos locutores, sem uma preocupação maior de esclarecer determinados assuntos. Eles se limitam a criticar governantes e ocupantes de cargos públicos, relacionando sua atuação a diversos problemas da realidade brasileira.

O cotidiano nas favelas é outro assunto marcante na rádio. Os locutores discutem saneamento básico, falam sobre o almoço de domingo e a vivência em barracos. Com isso, a rádio transporta um pouco das experiências vividas por aquela comunidade para outras pessoas que não estão vinculadas a esta pela co-presença e pelo co-pertencimento. O “asfalto” entra em contato com uma realidade diferente, ao mesmo tempo próxima e distante do “nós”.

A rádio também é um espaço para falar de outras experiências dos ouvintes, formando uma rede de relações pessoais. As pessoas ligam para falar de namoro, da morte de alguém na família, para pedir conselhos. É interessante notar o modo como os locutores transitam entre diferentes assuntos, passando de questões políticas e sociais às questões pessoais – do público ao privado – com absoluta naturalidade.

O programa Aero Brega - Fala corno que eu te escuto é um espaço para que os ouvintes contem suas experiências com traição. Esse programa causa estranhamento na medida em que seu conteúdo é a exposição da vida privada dos ouvintes. Estes ligam para partilhar suas experiências, pedir conselhos, mas – diferentemente de outros programas que tratam de problemas pessoais – o locutor não está ali para ajudar as pessoas a resolverem seus problemas. Ao contrário, Misael se dirige aos “cornos”, é brincalhão, ri das histórias contadas e é muito informal com os que ligam para lá.

Independente dos motivos que impulsionam as pessoas a expor sua vida no ar – desabafar, pedir ajuda, conselhos ou, de alguma forma, ocupar um espaço na mídia –, o fato é

que o programa conduz a um novo tipo de experiência produzido a partir da inserção na rede midiática (Thompson, 1998: 181). As pessoas partilham o vivido através das relações comunicativas, da interação social, constituindo novas modalidades de vivência. Ao mesmo tempo em que partilham, têm acesso a experiências - vividas por outras pessoas e mediadas pelos meios de comunicação - que irão somar com suas experiências imediatas na construção de seu repertório de referências para viver e apropriar-se simbolicamente do mundo.

Linguagem: traduzindo a experiência da periferia

A linguagem é entendida aqui como o lugar de efetivação da experiência, ou seja, como forma de traduzir a experiência do homem no mundo através da palavra. É por meio da linguagem que o homem constrói o mundo, compartilha experiências e investe de sentido a realidade social. É, portanto, através da linguagem, que a Rádio Favela procura traduzir a experiência de mundo dos moradores da periferia.

Essa linguagem é chamada pelos integrantes da rádio de “favelês”, isto é, a fala particular da periferia, com suas gírias, expressões e símbolos próprios. A rádio propõe-se também a realizar um trabalho de tradução de uma linguagem técnica e especializada para uma linguagem mais próxima à realidade das populações de baixa renda.¹: “É favelado falando pra favelado, não é aquela coisa autoritária: ‘é o fulano que vai falar’, não é os caras do asfalto.”¹

O “favelês” se traduz num uso extremamente coloquial e informal da língua, com erros de concordância verbal, construção equivocada de frases, omissão do “s” nos plurais e do “r” no final dos verbos, alto índice de redundância e adjetivação, vícios de linguagem, uso constante de formas, gírias, expressões e imagens bastante peculiares, com a repetição constante dos termos “favela” e “comunidade”. Em muitos momentos, expressões populares – como “merda”, “caralho”, “porra”, “foda” – são utilizadas, exibindo uma certa crueza e vulgaridade que a linguagem polida eliminou. E há também a proibição de algumas expressões como “galera”, que faria referência a gangue de rua, ao uso de drogas e à violência, justamente o que a rádio se propõe a combater. Além dessa natureza coloquial, não há uma forma mais específica de marcação discursiva do “favelês”.

Segundo Misael¹, a periferia fala o “favelês”, porque para falar o português as pessoas precisam fazer parte de uma academia. Ele define essa linguagem como “a mistura da língua tupi-guarani malandriada com o jeito do morro, com o português tradicional lá de Portugal.”¹ Explicando melhor, ele confirma que o favelês é caracterizado por gírias que são ditas no “morro”, mas não são usadas no “asfalto”. Dessa forma, o presidente da rádio estabelece um conceito para legitimar o uso coloquial e informal da língua.

O “favelês” é também uma tentativa de legitimar esse lugar de fala dos excluídos. Uma rádio situada na favela, organizada e conduzida por seus moradores e que pretende ser a voz de todos os excluídos deveria apresentar uma linguagem diferente da utilizada pelos “incluídos”, que normalmente têm acesso aos meios de comunicação e a uma melhor qualidade de educação.

A relação interlocutiva

Até agora, tratamos apenas da instância do emissor. Mas, a comunicação não é um processo linear e unilateral, mas sim interativo, em que o indivíduo é dotado da dupla capacidade de emitir e receber e é, portanto, agente do processo. Assim, entendendo a comunicação como um processo relacional e dialógico, é preciso ver a relação estabelecida entre emissores e receptores do discurso da rádio e o modo como estes apreendem e interpretam as mensagens. Além disso, buscamos também avaliar como essa imagem de

representação dos excluídos, que a Rádio Favela está investindo em construir, é apreendida pela comunidade do Aglomerado da Serra.

Os locutores buscam estabelecer uma relação afetiva e elogiosa com o público. Eles agradecem o carinho e a audiência do público que “é dez”, “é o nosso especial”, “é demais, muito, muito demais”. A informalidade é outra característica marcante dessa relação. Os locutores brincam com os ouvintes, criam apelidos para eles e conversam sobre os mais variados assuntos como se fossem amigos íntimos. E há uma interpelação constante do outro para participar. A todo momento, os locutores convidam os “escutantes” a participarem dos programas, agradecendo a “toda rapaziada bacana e bonita”, “a toda essa comunidade que está sempre apoiando a Rádio Favela”. Essa participação dos ouvintes ocorre por diferentes motivos – para usar o espaço na mídia, para discutir sobre política, violência, drogas ou outro assunto em pauta no programa ou que o ouvinte escolhe para falar. Também há ouvintes que dão depoimentos, por telefone ou a outros meios de comunicação valorizando ou criticando a atuação da Rádio Favela.

Além de atentar para a participação dos ouvintes, é importante avaliar a imagem que a comunidade local tem sobre a rádio. Para tanto, o grupo de pesquisa realizou um trabalho de campo junto a alguns moradores do Aglomerado da Serra, com a eleição de algumas temáticas específicas – entre estas, a Rádio Favela e outros meios de comunicação. Dessa forma, através de uma pequena amostra, foi possível verificar o modo como essa imagem de representação dos excluídos assumida pela rádio é apreendida pela comunidade. Não se trata de uma pesquisa quantitativa, mas qualitativa, na medida em que foram obtidos alguns depoimentos acerca da Favela FM e de sua proposta. As entrevistas mostraram que a Rádio Favela está longe de alcançar uma aceitação unânime da população. Entre as nove famílias entrevistadas, onze pessoas manifestaram sua opinião.

Nesse universo, encontramos duas pessoas para quem a rádio assume o papel de representação dos excluídos. Entretanto, é preciso relativizar essa representação, em virtude das falas dos próprios entrevistados. Afinal, um deles – desempregado, 33 anos – afirma que a rádio deveria fazer um trabalho ainda melhor para a comunidade e justifica a escolha de seu programa preferido com interesse pessoal (pesquisa de eleição); o outro – leitorista, 21 anos –, apesar de dizer que a rádio é um “ícone de referência”, não escuta a Favela FM e também não fala muito sobre a proposta e a atuação da rádio.

Duas entrevistadas conhecem a proposta da rádio, mas não gostam de ouvir, negando o papel de representação dos excluídos que a rádio pretende assumir. A rádio lhes causa um estranhamento. Uma das entrevistadas - empregada doméstica, 31 anos - diz que não tem paciência de ouvir a Favela FM e seus locutores, com suas “asneiras” e gírias, “conversando entre eles, como se eles estivessem em qualquer boca de fumo”. A outra entrevistada - estudante, 19 anos - diz que a rádio é “uma chatura”: “O locutor é diferente, tudo liberado, muito esquisito.” Essa pessoas negam a representação a que a rádio se propõe. Elas não se identificam com o “favelês” e querem se distanciar daquela realidade - da favela - que a rádio tenta passar à sua “comunidade de ouvintes”. Preferem ouvir uma rádio convencional, que fale de outras realidades.

Outras duas entrevistadas de nossa amostra – uma dona de casa, 68 anos, e uma desempregada, 20 anos – apesar de escutarem a rádio, não conhecem direito sua proposta, tampouco exaltam sua existência. As outras cinco pessoas que integram nosso universo – uma empregada doméstica; uma estudante e dona de casa, 21 anos; outra dona de casa, 37 anos; uma desempregada, 28 anos; e uma faxineira, 27 anos – não escutam a rádio nem conhecem sua proposta. Elas preferem ouvir outras rádios – religiosas ou comerciais.

Assim, não encontramos, nesse pequeno universo, a imagem da rádio como porta-voz dos excluídos, desempenhando o papel de elo agregador que promovesse um sentimento de identificação e pertencimento a uma mesma comunidade entre as pessoas do Aglomerado da

Serra. Algumas pessoas até conferem importância à rádio, mas não têm uma relação forte e próxima com ela. Alguns entrevistados negam a representação a que a rádio se propõe, e a maioria é indiferente em relação à Favela FM, conferindo quase uma invisibilidade a esse lugar que a rádio investe em construir. Para os integrantes da rádio, entretanto, a rádio ocupa esse lugar de representação dos excluídos. Segundo Misael, as pessoas entrevistadas devem fazer parte de igrejas que têm rádios no Aglomerado e são concorrentes da Favela FM. Ele afirma que essas pessoas devem defender tudo na vida, menos os interesses do povo e destaca os feitos da rádio para a comunidade local.¹

Considerações finais

A pretensão aqui não foi a de chegar a uma verdade única e generalizante sobre a Rádio Favela, mas apresentar uma leitura sobre a experiência que ela vem proporcionando à sua “comunidade de ouvintes”. O objetivo não é nem exaltar a existência de uma rádio de favelados nem negar o lugar que ela ocupa no quadro de representação dos excluídos. Afinal, apesar da negação e da indiferença de alguns moradores em relação ao papel que a rádio se propõe a desempenhar, ela traz sim benefícios à comunidade, além de ter conquistado reconhecimento nacional e internacional e o aumento da audiência.

Para Misael, essa ampliação do espaço de atuação da rádio “é a coisa mais importante que tem”¹. Essa ampliação favoreceu o processo de formação de identidade em sua dimensão externa: a rádio aparece para o “nós” como a imagem e a identidade do “outro”. Mas ela não parece ser um elo agregador, criando laços de identificação e pertencimento entre os moradores do Aglomerado da Serra. Dessa forma, ela não favorece a formação da identidade em sua dimensão interna.

Se a rádio traz benefícios à comunidade, mas não é unanimemente aceita por ela, o que seria então uma verdadeira representação dos excluídos? O que os moradores esperam dela? O que promove um sentimento de identificação e pertencimento entre as pessoas da comunidade?

No universo das classes populares, é muito difícil promover uma identificação explícita em relação aos produtos midiáticos, como nos fala Ondina Leal¹. A antropóloga realizou um estudo para avaliar a recepção de uma novela em dois universos distintos: o da “classe popular” e o da “classe dominante”. Segundo Leal, no grupo de classe popular, em nenhuma das narrativas, houve qualquer referência à existência de um casal de zeladores que vivia insatisfações de todas as ordens e estaria representando a classe a que o grupo entrevistado na realidade pertence (Leal, 1986: 73). O indicador da identificação entre a mulher de classe popular e a doméstica da novela é exatamente a negação absoluta. “Nega-se a identificação explícita porque é penosa, e é negando que se reforça o efetivo e inconsciente mecanismo de identificação.” (Leal, 1986: 74).

Da mesma forma, em nossa pesquisa, o grupo entrevistado não admite uma identificação explícita em relação aos produtos midiáticos. Não fizemos um estudo sobre uma novela específica, mas as três entrevistadas que comentaram a novela das oito da Rede Globo - *Laços de Família* - falaram apenas do núcleo rico da novela e não sobre os que estariam representando a classe a que elas pertencem. Dessa forma, parece haver um sentimento de projeção: o desejo das entrevistadas de fazer parte daquele núcleo - rico, bonito e famoso -, descolando-se e distanciando-se da realidade a que pertencem. E esse sentimento é natural, afinal, “são comuns, conforme todos sabemos, projeções de nossos próprios desejos, sentimentos ou representações em coisas e pessoas, ‘outros’ que não nós mesmos.” (Rocha, 1995: 137)

O mesmo sentimento há em relação à Rádio Favela. A rádio se propõe a ser uma representação dos excluídos, mas esbarra no desejo de inclusão das pessoas. Ou seja, a rádio é

a representação do que eles não querem ser. Eles negam a realidade a que pertencem, a fim de distanciar-se da situação de exclusão que a rádio insiste em afirmar.

É preciso pensar se essa insistência da rádio em ser favela - é a Rádio Favela, situada na favela, que fala pela favela através do “favelês - não estaria ferindo a representação que as pessoas da comunidade gostariam de construir. Isso porque há um distanciamento também em relação à denominação social que a periferia e o lugar ocupado por ela ganharam – “favela”, “favelado”. Os grupos de baixa renda não gostam de ser chamados de “favelados”. Em Belo Horizonte, não moram em “favelas”, mas em “vilas”. Nas entrevistas, as pessoas fazem questão de marcar uma diferença entre elas e o estigmatizado “povo favelado”, na expressão de uma entrevistada, e o lugar ocupado por ele. Elas manifestam um desejo de desconstruir a imagem negativa da favela – sem infra-estrutura, suja, feia, violenta – e de seus moradores – violentos, marginais, ladrões, criminosos -, e, assim, construir uma outra representação.

De qualquer forma, a rádio é expressão de uma diferença e conseguiu ocupar um lugar na esfera midiática, dialogando com outras formas comunicativas, com outros discursos que posicionam o lugar dos excluídos, ao mesmo tempo em que marca um reposicionamento desses atores na cena social. E esse lugar de fala construído pela Rádio Favela é diferente de outros que, da mesma forma, objetivam dar voz aos grupos de baixa renda, mas eliminam as contradições, encaixam o “outro”, mostrando-o como exótico, desempenhando um papel previamente definido pelo “nós”.

A rádio, ao contrário, é um lugar em que a contradição se faz presente, fazendo “falar acentos locais e sotaques plebeus” . Há muitas inserções polêmicas no discurso da rádio. Ao mesmo tempo em que os locutores da rádio pregam o fim da violência, eles propõem uma revolução que pode “terminar com um fuzil na mão”. A rádio tem uma proposta de trazer discussões políticas e fazer críticas sociais, mas não apresenta uma estratégia propriamente política de atuação e suas críticas são feitas, muitas vezes, sem que os locutores apresentem justificativas. A Favela FM é apresentada como uma rádio livre, do povo, que constrói um discurso livre de restrições e imposições, mas Misael se coloca como proprietário do veículo e tem um discurso, muitas vezes, autoritário e arrogante, lançando ironias à universidade e às pessoas do “asfalto”. As vinhetas da programação e os locutores dizem que a rádio é comunitária, mas Misael diz que não. Ao mesmo tempo, afirma que ela é voltada para os interesses da comunidade. A rádio está cheia de dívidas, mas funciona com equipamentos importados e sua sede está toda em reforma.

Mas são justamente essas inserções polêmicas da fala que constroem um lugar de significação diferente. É exatamente na contradição que aparece o lugar de fala diferente; no lugar do “nós”, a contradição é eliminada. E é também permeado por contradições que ocorre o processo de construção das identidades, na medida em que é um processo complexo, com uma dinâmica relacional, que ocorre dentro de contextos de mobilização e conflito.(Maia, 1999: 19)

Assim, a forma de expressão da Rádio Favela e a construção desse lugar de fala nos dizem de um processo identitário, construído na tensão entre similaridade e diferença, continuidade e ruptura, reconhecimento e estranhamento. Mesmo que algumas pessoas neguem a representação a que a rádio se propõe, elas acabam reforçando "o efetivo e inconsciente mecanismo de identificação".(Leal, 1986: 74) É exatamente nesse jogo contraditório e conflituoso que ocorre a formação das identidades, que “não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas”. (Hall, 1999: 65)

Referências Bibliográficas

- BARBERO, J.M. Os métodos: dos meios às mediações. In: _____. Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. pp. 258-322.
- Brasil. Instituto de Planejamento Econômico e Social. Instituto de Planejamento / Centro Nacional de Recursos Humanos - CNRH. Rádio Educativo no Brasil: um estudo. Brasília, 1976. p. 11.
- Folder da Rádio Favela.
- FRANÇA, V. Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LEAL, O. L. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MACHADO, A., MAGRI, C. e MASAGÃO, M. Rádios Livres: A reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1987. 2a edição.
- MAIA, R. C. M. A identidade em contextos globalizados e multiculturais. In: GERAES, Revista de Comunicação Social, nº 50. Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social, 1999. pp. 12-23.
- PAIVA, V. Uma comunidade de ouvintes: a sociabilidade proporcionada pelo rádio. GERAES, Revista de Comunicação Social. Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG, n. 47, pp. 18-23, junho/95
- Revista Palavra, nº 8, novembro de 1999.
- ROCHA, E. A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- sites: <http://radiofavelafm.com.br> e <http://membro.intermega.com.br>
- THOMPSON, J. B. A Mídia e a Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social da UFMG..

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

¹ Este trabalho está inserido no projeto *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*, desenvolvido pelo GRIS (Grupo de Estudos e Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), do qual fazem parte o Prof. Dr. César Geraldo Guimarães, o Prof. Dr. Paulo Bernardo F. Vaz, a Prof. Dra. Regina Helena Alves da Silva e a Prof. Dra. Vera R. Veiga França (coordenadora). Apoiaram CNPq e FAPEMIG.

¹ A Radiodifusão Educativa é definida “como o uso da transmissão radiofônica em qualquer processo sistemático de educação, com a finalidade de possibilitar aos ouvintes uma aquisição de conhecimentos e/ou uma mudança de atitudes”. (CNRH, 1976: 11).

¹ Os conceitos de discurso e linguagem são, teoricamente, um pouco diferentes. Entretanto, correntemente, ambos são utilizados com significados semelhantes. Neste trabalho, adotamos essa perspectiva de significação semelhante para ambos, porque, para os nossos objetivos, não consideramos necessário aprofundar as discussões acerca dessas diferenciações. Dessa forma, discurso e linguagem são utilizados para designar a forma de tradução da experiência do homem no mundo, pois, “na linguagem, vamos alcançar, através dos atos do discurso, a produção de uma materialidade simbólica, o movimento de investimento de sentido, ato voluntário e humano de produção de símbolos, articulação e troca de palavras.” (França, 1998: 47)

¹ Segundo José Luiz Braga, a atualização de um lugar de fala corresponde “a trazer uma fala disponível - já construída, já utilizada, participante de um determinado espaço cultural - para uma situação concreta e específica.” (Braga, 1997: 113)

¹ "Expressão singular da ação comunicativa radiofônica, (...) fruto desse agrupamento em torno de imagens, de idéias que, surgidas de um cotidiano comum que constrói a vida de

todos os dias, possibilita uma espécie de 'grupalismo', uma forma de 'estar junto' própria à natureza dos homens". (Paiva, 1995: 20-21)

¹ Segundo pesquisas do IBOPE, a rádio ocupa o 4º lugar geral de audiência em Belo Horizonte.

¹ Palavra, novembro de 1999, p. 68.

¹ Idem, p. 75.

¹ Idem, p. 68.

¹ Idem, p. 74.

¹ Em entrevista ao jornal Fórum 2000: III Encontro de Rádios e TVs Comunitárias, dezembro de 1998: 6.

¹ Campanha de Material Escolar; campanha para ajudar instituições de tratamento de crianças com o vírus da AIDS; Campanha anti-violência e Campanha anti-drogas.

¹ Em entrevista para esta pesquisa, em 20 de dezembro de 2000.

¹ Em entrevista para esta pesquisa, em 20 de dezembro de 2000.

¹ Mangabeiras é um bairro de classe média alta, situado próximo ao Aglomerado da Serra.

¹ Misael, em entrevista para esta pesquisa, em 20 de dezembro de 2000.

¹ Idem.

¹ Idem.

¹ Extraído do site <http://radiofavelafm.com.br>, em 23 de julho de 2000.

¹ Misael, em entrevista ao jornal Fórum 2000 - III Encontro de Rádios e TVs Comunitárias, dezembro de 1998: 6.

¹ Em entrevista para esta pesquisa, em 20 de dezembro de 2000.

¹ Idem.

¹ As realizações da rádio destacadas por Misael, em entrevista para esta pesquisa: Ônibus circulando dentro da favela; asfalto nas ruas; coleta de lixo; manutenção do pãozinho a 8 centavos, há 3 anos; veiculação gratuita de anúncios para as pessoas do morro e de músicas dos diferentes cantores; campanha de material escolar; salas de aula na rádio; formação de centro de ciência; obtenção de 10 vagas para alguns moradores no curso para vestibular Pré-UFMG; parceria com uma universidade para fundar um pré-vestibular na favela.

¹ Em entrevista para esta pesquisa, em 20 de dezembro de 2000.

¹ LEAL, O.L. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1986.